



INTERVALO ANALÍTICO

Editorial

Recebemos Elizabeth Rocha Barros para uma conversa sobre a trajetória de seu pensamento psicanalítico e suas conseqüências clínicas, assim como, para comentar um filme e discutir o material clínico apresentado, generosamente, por Luíz Fernando Gallego.

Vale ressaltar, que foi daqueles encontros onde reafirmamos o interesse e amor à psicanálise. Elizabeth historicizou, de forma clara e sensível, seus anos em Londres, junto à escola kleiniana, e a descontinuidade/continuidade de seu trabalho, no Brasil, dando aos presentes a possibilidade de acompanhar a evolução do manejo da teoria e da técnica em sua prática clínica. Delicada e respeitosa, foi capaz de realçar com vivacidade a importância da escuta neutra e atenta ao sofrimento psíquico do paciente. Neutra no sentido de livre, longe do desejo de curar, para ouvir os conflitos inconscientes.

Recebemos também a visita de Rosine Perelberg. O encontro foi igualmente produtivo e asseverou, em suas nuances, o quanto a transferência, em nosso campo de trabalho, é a veia condutora das recordações, repetições e elaborações. Como nos diz Freud, *a psicanálise é, em essência, uma cura pelo amor*. Leia mais sobre este encontro em nossa próxima edição.

Neste número, trazemos notícias da Clínica Social, coração de nossa casa e de nosso ofício, a Clínica vem tentando fazer uma reflexão profunda de sua identidade institucional e sobre a função que quer desempenhar junto aos alunos e membros.

Leia, ainda, sobre as atividades de maio e a continuação da entrevista com Fernando Rocha.

Wania Maria C.F. Cidade

VEJA AINDA:

Notícias do Instituto
pag. 2

Programação Científica
pag. 3

OCAL entrevista Fernando Rocha
pag. 4



Conceição Davidovich, Elizabeth Rocha Barros e L F Gallego

Elizabeth, Altamirando e Elias Mallet

Atualidades da Clínica Social

A nossa equipe tem trabalhado no sentido de entender o que representa atualmente a Clínica Social para a SBPRJ. Como todos sabemos, houve uma mudança bastante importante na demanda de análises em geral, e as transformações socioeconômicas do país são cada vez mais evidentes.

A idéia de que a Clínica Social possa quase que ter se transformado numa cooperativa vem sendo bastante debatida.

Estamos dando prosseguimento ao que já foi feito na gestão anterior no sentido de termos a maior quantidade possível de documentos informatizados em mãos para podermos efetuar um trabalho estatístico referente ao atendimento dado pela Clínica Social. Um trabalho junto aos colegas que fazem a triagem dos pacientes que se inscrevem na clínica está incluído nas nossas metas de trabalho. Uma das idéias discutidas é de que estas entrevistas de triagem fossem feitas na própria Sociedade, reforçando deste modo o vínculo institucional destes pacientes com a SBPRJ.

Reformulamos a ficha de inscrição, aumentamos a taxa de inscrição cobrada (dez por cento do salário mínimo) e estamos estudando a idéia de que a dupla analista - analisando discuta o preço do tratamento e nos avise o que foi acertado assim que o tratamento for iniciado. Dentro do possível, estamos querendo formatar a Clínica Social num contexto psicanalítico. Acreditamos, também, que será muito importante adequarmos o seu funcionamento dentro de limites onde possamos garantir o trabalho psicanalítico realizado pelos participantes da mesma. Aliás, na nossa última reunião, ficamos agradavelmente surpresos com o maior número de participantes, bem como, com a qualidade dos debates acontecidos.

No próximo dia 25, faremos uma reunião com as Interclínicas das outras sociedades psicanalíticas do RIO, continuando o trabalho já iniciado na gestão anterior. Convidamos a colega Sônia Bromberger, da nossa equipe atual, para ser a responsável pela nossa Sociedade neste projeto.

Iniciamos um diálogo com a colega Maria Tereza Naylor Rocha para fazermos um trabalho conjunto com o PROPIS e, já neste contexto, estamos respondendo conjuntamente um questionário que nos foi enviado no último mês de dezembro pela FEPAL.

Reiteramos o nosso convite a todos os membros da Clínica Social para participar da nossa reunião mensal, onde, por sinal, a presença dos mesmos é obrigatória pelo nosso Estatuto. Do mesmo modo, estamos solicitando que os colegas que atendem pacientes pela Clínica Social façam os dois relatórios anuais exigidos para termos uma melhor visão do trabalho que está sendo feito.

Gostaria de agradecer o grande empenho de todos os membros da equipe atual da Clínica Social, no sentido de procurar melhorar cada vez mais a qualidade do atendimento prestado aos nossos pacientes.

Admar HORN

Clínica Pais-bebê

Reunião da Clínica Pais-bebê

“Família e casal: espaço psíquico do transgeracional”. Será apresentada uma palestra pela psicanalista Olga Ruiz Correa. No dia **15 de maio, 3ª feira, às 21h**. Atividade aberta aos profissionais da saúde e educação. Entrada franca.

Bernard Golse

O Prof. Bernard Golse apresentará a palestra “A Psicanálise de Crianças representa o futuro da Psicanálise de Adultos?” No dia **31 de maio, 5ª feira, às 21h**. O Prof. Golse abordará a Psicanálise de Criança como fonte de enriquecimento da teoria e da técnica da Psicanálise nos tempos atuais. No dia seguinte, **01 de junho, às 14h**, haverá supervisão de um atendimento da Clínica Pais-bebê.

Membros SBPRJ: R\$ 20,00; Alunos da SBPRJ e estudantes: R\$ 15,00; Profissionais afins: R\$ 30,00.
Supervisão clínica: R\$ 15,00.
Informações e inscrições na Sede da SBPRJ.

NOTÍCIAS DO INSTITUTO

Anuncio de préstamos sin interés a candidatos de la API

La Asociación de Psicoanálisis Internacional (API) y la Organización Internacional de Estudios Psicoanalíticos (IPSO) tienen el agrado de invitar a enviar solicitudes de préstamos sin interés para asistir en la formación psicoanalítica de los Candidatos de la API. Como ustedes saben, para ser "Candidato de la API" se debe estar cursando estudios en un Instituto reconocido de la API lo cual culminará en ser miembro de la Sociedad de la API correspondiente y, por lo tanto, de la propia API.

En 2004 la API hizo un llamado a sus miembros para obtener fondos de modo de poder ofrecer préstamos a los Candidatos de la API. La API ha igualado esos fondos recaudados de los miembros. Cada una de las tres regiones geográficas de la API cuenta con sumas similares.

Los préstamos serán entre US\$ 1.000 y US\$ 5.000. Los fondos se pueden usar para fines relacionados con la formación psicoanalítica. Los préstamos estarán sujetos a un contrato que especificará el período de amortización. La amortización normalmente comenzará un año después de la graduación del Candidato de la API, a la tasa de US\$ 1.000 por año, sin intereses, hasta la amortización total del préstamo.

Las solicitudes se manejarán con absoluta confidencialidad. Los nombres de los solicitantes y los beneficiarios no se divulgarán a nadie aparte del personal de la API, que administra las solicitudes. El personal administrativo de Broomhills tiene la facultad de ponerse en contacto con el Instituto a que pertenezcan los Candidatos de la API que sean receptores del préstamo, para confirmar que el candidato es, de hecho, Candidato de la API y que cumple con los requisitos dentro de su Instituto y puede también contactarse con dicho Instituto en otras circunstancias inusuales tales como cuando hay dificultades para comunicarse con un Candidato de la API. En todos los casos, el personal administrativo tratará de minimizar razonablemente cualquier falencia en la confidencialidad. Se puede acceder a un ejemplar de los procedimientos para estos préstamos en el sitio web de la API: www.ipa.org.uk/default.aspx?page=136.

Las solicitudes se deben presentar en el formulario adjunto, preferentemente en inglés, (o alternativamente en español, francés o alemán), y enviar con garantía de absoluta reserva a loans@ipa.org.uk para que lleguen antes del 31 de mayo de 2007. (La API solo puede aceptar solicitudes electrónicas). Se confirmará la recepción de todas las solicitudes. Se espera que los préstamos estén aprobados para el 15 de setiembre de 2007. Se informará de los resultados de las decisiones del Panel a todos los solicitantes.

Panel de Préstamos a Candidatos de la API: Presidenta, Adriana Prengler de Benveniste (Caracas), Camilla Bargum (Grankulla, Finlandia), Angelo Battistini (Rimini), Nancy Blieden (Bloomfield Hills, MI), Gloria Gitaroff (Buenos Aires), Kristina MacGaffin (Washington, DC), Altamirando Matos de Andrade jr. (Rio de Janeiro, RJ).

Convite aos alunos

Caro aluno,

A Sociedade oferece neste mês de maio algumas atividades científicas que certamente despertam seu interesse. Procure informar-se. Psicanalistas que somos, em constante formação, sabemos que a troca com nossos pares é fundamental para aprimorar conhecimentos tanto quanto para firmar uma identidade profissional.

Conheça melhor, participe e envolva-se com a Instituição da qual você pretende vir a ser um membro!

Um abraço,
Sônia Eva

Evento COWAP

Mais um evento bem sucedido reúne as quatro Sociedades de Psicanálise do Rio de Janeiro associadas à IPA. A aposta no diálogo revelou-se enriquecedora. Durante dois dias, 23 e 24 de março de 2007, o Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB) acolheu, em suas salas e auditórios, profissionais de diferentes origens, tanto profissional, quanto geográfica e institucional.

Psicanalistas vindos de Portugal, da França, do México, da Argentina, do Peru e de várias regiões do Brasil trocaram idéias com antropólogos, artistas, dançarinos, literatos, cineastas, cirurgião plástico, entre outros, sobre o tema corpo e subjetividade. Com discussões interessantes e aportes originais, o VI Diálogo Latino-Americano Intergeracional entre Homens e Mulheres foi um sucesso.

Era difícil escolher entre trabalhos tão diversificados e consistentes: da história das polacas no Brasil à experiência de analistas peruanos com mulheres traficantes, vítimas de violência, passando por filmes e documentários. O tempo foi pequeno para tantos acontecimentos. Através do diálogo com homens e mulheres expressivos de nossa cultura, como Ivo Pitanguy, Sérgio Paulo Rouanet, Lena Bergstein, Rosiska Darcy de Oliveira, Eustachio Portella Nunes, Cláudio Eizirik, a interdisciplinaridade reinou, o diálogo vingou e as idéias floresceram.

Parabéns aos organizadores, Nanci RIO4, Cristina RIO2, Débora RIO3 e Rosa RIO1, que com Cândida de São Paulo e Teresa, pela América Latina viabilizaram este encontro.

Marci Dória Passos

Notícias do PROPIS

Estamos organizando um encontro interdisciplinar com a intenção de servirmos de catalisadores para uma ampla discussão alinhando a tradição humanística da psicanálise às exigências de novas formas de intervenção social. Nosso encontro, previsto para os dias 26 e 27 de outubro de 2007, se realizará em parceria com o Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

BIBLIOTECA

LIVROS

BASTOS, Liana albernaz de Melo. *Corpo e subjetividade na medicina: impasses e paradoxos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006. 208p.

BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. São paulo: Ed. 34, 1999. 219p.

BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 253p.

CORDIOLI, Aristides Volpato. *Psicofármacos: consulta rápida*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COSTA, Gley P. *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed, 2007. 175p.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 678p.

JEAMMET, Philippe; CORCOS, Maurice. *Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

OLIVEIRA, Fátima Bayma de; KASZMAR, Istvan Karoly (Org.). *Saúde, previdência e assistência social: desafios e propostas para uma sociedade mais justa e moderna*. São Paulo: M. books, 2005. 264p.

PASSOS, Marci Dória. *A dor que emudece: travessia clínica de Louis Althusser*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006. 197p.

SALIM, Sebastião Abrão. *Risa: do Holocausto à Terra Santa*. Belo Horizonte: Sografe, 2006. 160p.

SOLIS-PONTON, Leticia (Org.). *Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio: uma homenagem internacional a Serge Lebovici*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 261p.

Viñar, Marcelo N. *Psicoanalisar hoy: problemas de articulación teórico clínica*. Montevideo: Ed. Trilce, 2002. 176p.

PERIÓDICOS

PSICANALÍTICA (SPRJ), v.7, n.1, 2006.

PULSIONAL REVISTA DE PSICANÁLISE, v. 19, n.188, 2006.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICOTERAPIA, v.8, n.1, 2006.

REVISTA DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTOALEGRE, v.13, n.2, 2006.

CONSELHO DIRETOR 2007/2008

Presidente: **Altamirando Matos de Andrade Jr.**
 Vice-Presidente: **Maria Helena Rego Junqueira**
 1º Secretário: **Bernard Miodownik**
 2º Secretário: **Mariza Dutra d'Abreu**
 1º Tesoureiro: **Leticia T. Neves**
 2º Tesoureiro: **Marília M. De La Cal**
 Diretor do Instituto: **Sônia Eva**
 Vice-Diretor do Instituto: **Ruth Lerner Froimchuk**
 Secretária do Instituto: **Miriam Fichman Fainguelernt**
 Diretor do Conselho Científico: **Maria da Conceição Moraes Davidovich**
 Secretário do Conselho Científico: **Luiz Fernando G. Gallego Soares**
 Diretor do Conselho Profissional: **Sérgio Eduardo Nick**
 Secretária do Conselho Profissional: **Maria Regina H. Newlands Trotto**
 Diretor da Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: **Admar Horn**
 Secretária da Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: **Ruth Naidin**

Deptº. de Publicação, Biblioteca, Arquivo e Divulgação:
 Diretor: **Wania Maria C. F. Cidade**
 Secretária: **Munira Aiex Proença**

Deptº de Difusão da Formação Psicanalítica:
 Diretor: **Giorgio Trotto**
 Secretária: **Flavia Costa Strauch**

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: **Wania Maria C. F. Cidade**
 Co-Editora: **Christina Nicoll S. Cavallari**
 Projeto Gráfico: **Celyne Alvim**
 Secretária: **Celyne Alvim**

Atenção!

Noite de Autógrafos

No dia 14 de maio, 2ª feira, às 19:30h, na Sede, a Dra. Marialzira Perestrello fará o lançamento do seu livro de poemas "A barca branca". Metade da renda será doada à SBPRJ para ajudar nas obras previstas.

Aguardem

Em nossa próxima edição vamos inaugurar a coluna: "Tem na Biblioteca".

Será uma seção destinada à resenhas sobre livros ou artigos de psicanálise, disponíveis em nossa Biblioteca.

Você poderá ser nosso futuro redator!

Carta-convite

O *Jornal de Psicanálise* propõe discutir em seu próximo número (vol. 40. nº. 72 – jun. 2007) o tema "A família em (des) ordem". A idéia deste tema, em alusão ao livro de Roudinesco, surgiu da observação, amplamente tratada por diversos autores, das profundas transformações da família na contemporaneidade.

Entre as muitas mudanças ganham relevo aquelas relacionadas às condições de procriação, à composição da família, à recomposição freqüente dos casais e à passagem da soberania paterna para a materna.

Mesmo reconhecendo que essas mudanças no seio da família refletem outras mais amplas de todo o tecido social, político, tecnológico e econômico que merecem ser tratadas de forma abrangente e multidisciplinar. Interessa aqui refletir sobre as conseqüências ou efeitos na constituição subjetiva de pais e filhos, bem como discutir as implicações dessas mudanças na clínica psicanalítica.

Assim, o *Jornal* convida seus colaboradores a escrever trabalhos que possam desenvolver as questões aqui propostas. Os trabalhos deverão ser encaminhados até o dia 30 de maio.

Atenciosamente,

Leda Maria Codeço Barone
 e-mail: jornal@sbpsp.org.br

OCAL Entrevista
Fernando Rocha

OCAL: No nível do currículo de ensino teórico dos institutos haveria um ideal de malha curricular que consideras favorecer essas mesmas qualidades antes destacadas?

Fernando Rocha: O currículo do Instituto na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro compõe-se de cursos chamados de "introdutórios" e de "eletivos". Vou me servir deste exemplo para tecer algumas reflexões sobre o que poderíamos considerar "introdutório" ou "eletivo" em uma formação psicanalítica, na medida em que temos nesta formação uma perspectiva emancipadora do sujeito. Introduzir é um vocábulo de origem latina - *indro-ducere* - que significa "levar para dentro", "fazer entrar", "fazer penetrar", acepções que nos remetem à noção de conduzir à raiz, ao fundamento^{1[3]}. Essas diferentes possibilidades de significar o termo introdução nos fazem perguntar o que seria "conduzir para dentro" em uma formação psicanalítica. Se aceitarmos que tal formação visa criar no sujeito um movimento de emancipação, ela deve propiciar vias, caminhos, que possibilitem a mobilidade do sujeito no sentido de um auto-conhecimento, de uma auto-crítica, desenvolvendo-lhe a capacidade de fazer escolhas. As significações oferecidas pelo vocábulo *introdução* nos facultam articulá-lo com o termo alemão *Ausbildung*, empregado por Freud para designar a noção de *formação em psicanálise*^{2[4]}. Constituído pelo prefixo *aus* que designa o "movimento de dentro para fora" - correspondendo aos prefixos latinos *ex*, *es* -^{3[5]} e da raiz *bild* em que uma das significações é a de *construir* - tanto no sentido material como mental -, o termo *Ausbildung* pode ser compreendido como um movimento que, partindo de uma construção ocorrida no interior do sujeito, direciona-se para fora. Assim, tanto o termo *introdução* quanto *Ausbildung* conotam um movimento essencial de um voltar-se para dentro de si, de um ir para dentro para que posteriormente a coisa construída possa emergir, trazendo, porém os efeitos das

Programação do
Conselho Científico

Sessão Clínica

No dia 03 de maio, 5ª feira, às 21:15h, na Sede, o colega Fernando Rocha apresentará o caso clínico "Vicissitudes das sementes de Narciso".

Reunião Científica

No dia 24 de maio, 5ª feira, às 21:15h, na Sede, o tema da Reunião Científica será "Alice e a lagarta: uma abordagem psicanalítica nos distúrbios alimentares", apresentada pela colega Vera Bulak.

Estão todos convidados!

Continuação da entrevista com Fernando Rocha

raízes, ou dos fundamentos de si mesmo, possibilitando um renascer criativo. A propósito dessa questão, Mannoni nos lembra que quando Freud introduziu a noção de formação em psicanálise empregando o termo *Ausbildung*, o fez querendo ressaltar uma concepção de formação que conduziu a uma prática de autocrítica, de interrogação, em oposição à noção de modelo. Trata-se de um "voltar-se para dentro de si" como possibilidade de interrogar-se, principalmente no que se refere ao trabalho empreendido com o paciente^{4[6]}. Assim, as acepções depreendidas do termo *Ausbildung* possibilitam vislumbrar o papel fundamental que a análise pessoal adquire na formação psicanalítica. Deste modo, considero como "introdutório", na formação psicanalítica, todas as práticas capazes de produzir saberes que conduzam o analista em formação para dentro de si, a fim de vivenciar a possibilidade de se autocriticar, de duvidar e de lançar interrogações sobre si mesmo, sobre seu trabalho clínico e sobre as raízes formadoras da teoria psicanalítica. Nessa perspectiva, o *introdutório* torna-se imprescindível como uma das possibilidades do candidato a psicanalista realizar escolhas, relativizar conhecimentos quando confrontado com a clínica. Já o termo "eleger", remete a uma ação que implica escolha, portanto, ganho e perda. Diante de diferentes "objetos"/situações/cursos, o ato de eleger torna o sujeito ciente de que, qualquer que seja sua opção, haverá sempre uma perda e não só ganho. A vivência desse paradoxo certamente reforçará a necessidade de um curso *introdutório*, principalmente quando este visa atingir e influenciar os re-arranjos psíquicos do sujeito, já que inclui a análise pessoal. Se *eletivo* é o que cada um eleger para si para complementar uma formação, esse ato implica não só o aprimoramento intelectual, ou a subjetividade do analista, mas a possibilidade de eleger, suportar abrir mão de alguma coisa em proveito de outra.

OCAL: Que relação tu pensas que devem guardar entre si os fundamentos freudianos com os achados das correntes pós-freudianas? Como achas que devem ser ordenados esses distintos campos da teoria na transmissão que se dá durante a formação analítica?

Fernando Rocha: Na experiência de sua análise pessoal, o candidato a analista irá ter a experiência dos conceitos desenvolvidos pela psicanálise a partir de Freud, numa "psicanálise em ato". Assim, acredito que seja sobretudo na análise pessoal que se dá a experiência da transmissão da psicanálise. A elaboração curricular, por sua vez, deverá manter a intenção de ordenar aquilo que foi vivenciado na experiência viva da análise, através do estudo teórico desses conceitos fundamentais, a partir do estudo da obra freudiana tais como: o inconsciente, a repetição, o recalque, a resistência, a sexualidade, a pulsão, o narcisismo, o complexo de Édipo, transferência, entre outros. A partir daí, o currículo institucional deverá propiciar aberturas para o estudo das

contribuições dos pós-freudianos, promovendo a pluralidade teórica, assim como também o estudo das intersecções da psicanálise com os demais saberes. Como ser psicanalista não é uma questão de titulação, devemos marcar a diferença entre uma Instituição de Formação de Psicanalistas e a Psicanálise na Universidade. Uma Instituição de Formação tem que incluir em sua proposta curricular a multiplicidade de percursos próprios a uma formação individual e, portanto, diferenciada. Assim, tem que valorizar no seu projeto não a transmissão acadêmica dos princípios e conceitos psicanalíticos (isso cabe à Universidade), mas a descoberta individual do inconsciente, a partir de um percurso próprio e singular. Portanto, a Clínica Psicanalítica poderá ser compreendida como um lugar a partir do qual se interroga – e daí advenha – o psicanalista e sua formação, pensada como permanente.

OCAL: Que papel tu atribuis à produção escrita na formação analítica?

Fernando Rocha: Irei me limitar aqui, mais propriamente, à escrita da experiência clínica que envolve a questão dos relatórios clínicos. Quando se diz que o relato clínico é uma “tarefa impossível”, é no sentido de que nele tentamos comunicar uma história de transferências, que é um fenômeno inconsciente, logo, algo que é da ordem do processo primário. Esse comunicar, no entanto, somente torna-se possível a partir de uma linguagem simbólica, cuja expressão exige o processo secundário. Assim, o relato escrito de uma experiência clínica psicanalítica pode ser entendido como um tipo de criação reveladora de uma tentativa de travessia de um caminho que, perpassando a experiência do inconsciente – expressa na cena analítica por intermédio da transferência / contratransferência –, chega ao escrito. Tal aproximação, no entanto, não se faz alcançável na experiência psicanalítica, pois se nela há um objeto – o inconsciente –, esta experiência é da ordem da singularidade, constituindo-se em cada sujeito como uma “viagem” única e imprevisível. Viagem, que como escreveu J. B. Pontalis é “comparável a navegar à bús-sola: é somente a posteriori que se estabelecem os mapas e os levantamentos. Mas estes são indispensáveis à elaboração de uma experiência, de outra maneira não governável”.^{1 (7)} Escrever é então, tentativa de reinserção na ordem simbólica, já que a transferência do vivido ao escrito não é um decalque de um dado. Se as regras que organizam o campo psicanalítico voltam-se para que o fenômeno da transferência e contratransferência possa se instaurar, como relatar vivências que são da ordem do inconsciente? Somos obrigados a aceitar que a “transferência não se relata, não se escreve, nem se traduz; ela não é um texto: daí a insuficiência básica de todo resumo de análise tome ou não a forma narrativa, seja história de caso ou disposição de fragmentos”^{1 (8)}. Concordamos com Viderman^{1 (9)}, que considera o processo analítico como uma possibilidade de inscrição pelo paciente de sua história, inscrição esta que implicaria não uma história contada, (aquela que o paciente nos traz – seu romance familiar), mas uma história construída em sua análise. Assim, não é o passado que o paciente vai evocar através de todos os meios de distorção que as defesas lhe impõem, mas seu próprio passado. E essa passagem do definido para o possessivo marca a passagem da história à construção mítica; de uma história objetiva irrecuperável à história imaginária. Seria pertinente, então, nomearmos relatório clínico aquilo que, dos aspectos da experiência analítica, tornaram-se conscientes, o que possibilita inferir que haja uma escolha do analista que, entre os vários aspectos possíveis de serem relatados, escolhe apenas alguns e não outros.

Portanto, o relatório clínico é o momento de revelação de uma escolha deliberada do que está escrito, traduzindo a possível implicação tanto teórica quanto subjetiva do analista. Escrever a experiência clínica psicanalítica seria, assim, impossível, embora possamos escrever sobre uma experiência clínica. Podemos arriscar dizendo que tal escrita – por pressupor uma escolha – constitui-se também num momento de discriminação do analista, no qual ele, tomando distância da situação clínica, pode melhor elaborá-la. Assim, o momento de escrever a clínica é um momento de “descolamento”, de recuperação de seu próprio nome, já que o analista esteve imerso nos movimentos transferenciais. Podemos dizer, então, que o lugar de analista pressupõe uma capacidade de identificação e de desidentificação constantes; capacidade de deixar-se invadir, habitar pela transferência do paciente, podendo dela discriminar-se. A impossibilidade de operar tal separação é reveladora de que cabe ao analista interrogar-se sobre seus impedimentos. Além disso, a produção escrita estando necessariamente submetida à língua, revela-se insuficiente quando pretendemos expressar o oceano de idéias que em nós habita. O confronto com essa impossibilidade conduz a uma vivência de angústia que, se não for englobada como parte do processo de produção criativa, levará à paralisia do próprio ato de escrever. Se todo ato criativo produz tensão, na produção escrita essa tensão vincula-se, em parte, ao anseio de controlar o eventual leitor, na busca do impossível: fazê-lo ler exatamente o que supomos ter escrito. Toda produção escrita nos conduz ao confronto com os limites próprios dos códigos que permitem expressar uma idéia. Esses limites nos levam, necessariamente, a uma vivência na qual somos obrigados a fazer escolhas. Escolhas que implicam perdas. Se não podemos esquecer das perdas, não podemos também negar que a escrita, além de propiciar a discriminação do analista, pode conduzir ao pensar sobre si mesmo e à reflexão teórica.

continua no próximo número

Café Literário

Em nossa reunião de abril, o encontro foi muito agradável! Realizou-se numa sexta-feira 13 e, mesmo com a coincidência do dia, marcado por fortes superstições, a conversa fluiu vibrante e sem problemas.

Tivemos, logo de saída, um soneto de Shakespeare lido inicialmente em inglês por Ana Elisa, seguido de uma leitura do mesmo texto traduzido por ela e, ainda, acrescido de um soneto de sua autoria: “Hamlet em Ana”. Por coincidência, seguiu-se um assunto do gosto dos psicanalistas, pois vieram à baila textos com sonhos. Sonhos do próprio autor do conto, no caso, de Giorgio Trotto e outros, como os da misteriosa dama do anel de cobra com olhos de esmeralda, saídos de uma coletânea de contos de Garcia Márquez.

Outras leituras nos agradaram muito, dentre elas: Rilke e mais Shakespeare, numa tradução do colega Carlos Tamm e lido por Áurea. Viviane nos trouxe um belíssimo conto que narra a lembrança, rica de sentidos e emoção, de um dia marcante na meninice de um homem. E assim terminou mais uma sessão...

Renovamos o convite para a próxima, que será no dia 11 de maio, às 17h.

José Cândido Bastos

Divagar é Preciso

Grande Sertão Veredas
João Guimarães Rosa
Editora Nova Fronteira

A leitura e releitura desse clássico da literatura brasileira é sempre um assombro, para mim. Uma experiência estética e um encontro emocionado com os mistérios da alma humana.

Muito já se escreveu sobre o jagunço aposentado Riobaldo, relatando para um ouvinte – doutor, silencioso, suas aventuras/desventuras pelo sertão, numa fala poético-filosófica que reinventa a língua.

Dentre as muitas leituras que o texto Roseano provoca, desde a que privilegia a riqueza lingüística, passando por aquela em que simplesmente nos deixamos levar pela força da narrativa de uma história de amor, atravessada por guerras e pactos demoníacos, destaco um trecho que aponta para um outro enfoque. Falo da trajetória traçada por Riobaldo na direção da apropriação da sua história a partir de suas reflexões, dirigidas à escuta privilegiada de seu interlocutor, e que nos remete ao processo analítico e ao lugar do analista.

“Não devia de estar lembrando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga – lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo.”

É a partir do regional que Guimarães Rosa nos lança nas questões universais do amor, ódio, alegria, medo, dor, morte, provando que o “Sertão está em toda parte”.

Sandra Muniz